

**Resumo:** Este artigo apresenta uma análise exegética de duas expressões que são empregadas para dar nome aos seguidores de Jesus no evangelho de Mateus; são elas “profeta” e “justo”. Dentre elas, a segunda é própria de Mateus, e nossa investigação gira em torno do seu significado e dos motivos que levaram o autor do evangelho a acrescentá-la por conta própria no texto.

**Palavras-chaves:** Evangelho de Mateus; Exegese; Cristianismo Primitivo; Sectarismo; Lei Judaica.

**Abstract:** This article presents an exegetical analysis of two expressions that are used to label the followers of Jesus in Matthew’s Gospel: “prophet” and “righteous”. Among them, the second is Matthew’s own, and our research revolves around the meaning and the reasons why the author of the Matthew’s gospel added it on the text.

**Key-words:** Gospel of Matthew; Exegesis; Primitive Christianity; Sectarianism; Jewish’s Law.

## Os justos e os profetas: designações para os judeu-cristãos no evangelho de Mateus

*Anderson de Oliveira Lima\**

---

\* O autor é Mestrando em Ciências da Religião (Literatura e Religião no Mundo Bíblico) pela Universidade Metodista de São Paulo (2010), Especialista em Bíblia com ênfase na tradição profética também pela Universidade Metodista (2008), bacharel em música (violão erudito) pela Universidade Cruzeiro do Sul (São Paulo 1999).



## Introdução

Como informa o título deste artigo, limitamos propositalmente nosso objeto de estudo ao evangelho de Mateus, documento ao qual já nos dedicamos em pesquisas prévias e para o qual pretendemos contribuir ainda mais através deste e de outros artigos. Assim, podemos dizer que o que procuramos estudar nas páginas seguintes são alguns termos empregados pelo autor do evangelho, que exercem no texto a função de designar as pessoas com as quais ele se identifica. Estes são os “justos” e os “profetas”, duas categorias importantes, que merecem nossas considerações. O curioso neste caso é que ao lermos o evangelho de Mateus e compararmos seus textos com seus paralelos sinóticos (Lucas/Q e Marcos)<sup>1</sup> notamos em Mateus o acréscimo do adjetivo “justos” em vários momentos, e é essa particularidade que nos interessa. É evidente que nesta investigação teremos que citar e estudar mais de uma vez passagens dos outros evangelhos, mas é a aplicação mateana da tradição que nos interessa.

Chamamos o aparentemente pequeno ajuntamento de pessoas que constituíam o “grupo de Mateus” de “grupo”, e não de “comunidade” como outros fazem. Isso se deve à sugestão de outros que têm argumentado que o termo “comunidade” hoje é carregado de significados modernos, que sugerem uma institucionalização que não condiz com a realidade mateana. Seguimos então a opção de tratá-lo de maneira mais genérica, utilizando-nos sempre do termo “grupo”<sup>2</sup>. Da mesma forma, em nosso título, chamamos os membros desse grupo de “judeu-cristãos”, com a finalidade de demonstrar que, nos dias em que o evangelho foi escrito, ainda não existia uma fronteira bem definida que permitisse diferenciar os judeus dos cristãos. Eles eram judeus, mas aos poucos diferenciavam-se dos demais, num processo que acabaria por dar origem a uma nova religião chamada cristianismo.

<sup>1</sup> Para uma introdução ao problema da relação sinótica entre os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, e da fonte Q, veja: MARCONCINI, B. *Os Evangelhos Sinóticos*. pp. 65-67.

<sup>2</sup> Cf. SALDARINI, A. J. *A Comunidade Judaico-Cristã de Mateus*. pp. 147-150; também cf. KLOPPENBORG, J. S. *Q El Evangelio Desconocido*. pp. 219-221.



Trata-se então, neste artigo, de identificar em Mateus uma releitura feita sobre os demais textos cristãos, releitura que provocou alterações no texto que as gerações anteriores lhe legaram. Essas alterações, próprias de Mateus, são de particular importância para a compreensão do seu evangelho, por nos mostrarem as características específicas desse grupo judeu-cristão, levando-nos a conhecê-los um pouco mais. As perguntas que procuramos responder ao final são: Por que motivos Mateus modifica o texto herdado de Marcos e Q, acrescentando “justos”? A que se refere o texto quando aplica expressões como “justos” e “profetas”? Que valor a compreensão desse problema em particular pode ter para a leitura do evangelho de Mateus em geral?

## 1 As origens do evangelho de Mateus

Parece haver unanimidade, hoje, que o evangelho de Mateus é um documento judeu-cristão produzido nalgum momento entre as décadas de 80 e 90 d.C.<sup>3</sup> e que, para a sua composição, o evangelista se utilizou principalmente de duas fontes escritas anteriores: o evangelho de Marcos e a chamada fonte Q.<sup>4</sup> Temos então um texto do final do século I, que é uma releitura de tradições judaico-cristãs mais antigas, sendo Q uma fonte de ditos que teria surgido entre as décadas de 40 e 50 d.C.<sup>5</sup> e Marcos, o primeiro dos evangelhos biográficos,<sup>6</sup> que nascera nos dias em torno da guerra dos judeus contra Roma, entre 66 e 70 d.C.<sup>7</sup>

Neste artigo nos dedicaremos principalmente a passagens que o autor de Mateus supostamente compôs a partir da fonte Q, que seria o mais antigo documento escrito da história do cristianismo e cujo estudo permitiu aos pesquisadores identificar os primeiros cristãos, aqueles que deram continuidade ao movimento de Jesus após sua crucificação, como profetas itinerantes, movimento que o próprio Jesus iniciara nas

<sup>3</sup> OVERMAN, J. A. *Igreja e Comunidade em Crise*. p. 26.

<sup>4</sup> KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento*, vol. 2. p. 188.

<sup>5</sup> Dentre as obras disponíveis em língua portuguesa sobre a Fonte Q, indicamos a leitura KLOPPENBORG, J. S. *Q El Evangelio Desconocido*; MACK, B. L. *O Evangelho Perdido*; e SCHIAVO, L. *A Batalha Escatológica na Fonte dos Ditos de Jesus*.

<sup>6</sup> Para uma classificação mais detalhada sobre os tipos de evangelhos surgidos na origem do cristianismo veja CROSSAN, J. D. *O Nascimento do Cristianismo*. pp. 70-79

<sup>7</sup> MYERS, C. *O Evangelho de São Marcos*. pp. 120-121.



aldeias da Galiléia. Foi a partir da atividade de Jesus no final da década de 20 e desses itinerantes nas décadas de 30 e 40, que surgiram as várias passagens evangélicas em que Jesus convida as pessoas a seguirem-no, dando as costas para a família, aceitando a condição de marginais sem pátria e proteção, enquanto proclamam o Reino de Deus para a salvação dos camponeses expropriados pelo império.<sup>8</sup>

A recepção da tradição itinerante no evangelho de Mateus nos tem levado a crer que o trabalho desses profetas sem pátria foi determinante na origem do grupo mateano, embora este seja um grupo cidadão<sup>9</sup>, cujos adeptos eram em grande parte sedentários. Sobre isso Jürgen Roloff escreveu:

*“... o núcleo determinante do grupo mateano originou-se diretamente de um grupo de carismáticos itinerantes que deu continuidade à forma de vida dos discípulos pré-pascais de Jesus. Eles continuavam a praticar o seguimento no sentido radical: pobreza e renúncia a posses, desvinculação da família e da ordem social, disposição para o sofrimento por causa do senhorio de Deus: eis suas características marcantes”<sup>10</sup>*

Essa adoção dos textos originários do proto-cristianismo itinerante nos ajudará a interpretar o texto de Mateus e especialmente a designação “profetas”. Para esse grupo, este ainda é um termo que designa os pregadores itinerantes fazendo distinção entre eles e os demais seguidores do grupo, sedentários cidadãos que talvez sejam os “justos”.

Outra informação que se mostrará valiosa para nosso trabalho é a de que o grupo mateano, nos dias em que o evangelho foi escrito, estava vivendo um acirrado conflito pela própria subsistência. Depois da guerra contra Roma, a religião de Israel teve de adaptar-se à nova realidade e reorganizar sua fé com a ausência do Templo de Jerusalém e de sua religião oficial.<sup>11</sup> O grupo de Mateus era nesse processo uma das opções existentes, e rivalizava principalmente com o que chamamos de Judaísmo Formativo, uma coalizão de judeus (destaque para os fariseus) bem

<sup>8</sup> Cf. THEISSEN, G. *O Movimento de Jesus*. pp. 90-107.

<sup>9</sup> Cf. STEGEMANN, W.; STEGEMANN, E. *História Social do Protocristianismo*. pp. 257-258.

<sup>10</sup> ROLOFF, J. *A Igreja no Novo Testamento*. p. 162.

<sup>11</sup> GARCIA, P. R. *O Sábado do Senhor Teu Deus*. pp. 203-204.



mais numerosa, que já ganhava terreno e posteriormente daria origem ao chamado judaísmo rabínico.<sup>12</sup> A tentativa de unificação da religiosidade judaica refletia-se em pressão sobre grupos sectários como os judeu-cristãos de Mateus, e sanções não somente religiosas, mas também sociais e econômicas, punham em risco a continuidade do grupo.<sup>13</sup>

Em resumo, o estudo das fontes nos conduziu à conclusão de que o grupo que deu origem ao evangelho de Mateus nasceu da atividade de pregadores itinerantes, que também lhes legaram o evangelho de Q. Mas, para o grupo citadino de Mateus, era necessário aplicar as tradições herdadas a um novo contexto, cujo horizonte ameaçador era desenhado pelos “judeus”. As designações que pretendemos estudar, deverão ser lidas a partir dessas informações e pressupostos.

## 2 Pobres e perseguidos por causa da justiça

Podemos a partir de agora nos voltar para os textos de Mateus, o que faremos começando pelo estudo das bem-aventuranças, ou para sermos mais específicos, da primeira encontrada em 5.3, e da última em 5.10. Esta última é uma passagem exclusiva de Mateus, e as estudaremos juntamente por corresponderem-se formalmente e por serem bons exemplos para o estudo do trabalho redacional do evangelista Mateus:<sup>14</sup>

Bem-aventurados	os pobres no espírito,	porque deles é o reino dos céus.
Bem-aventurados	os perseguidos por causa da justiça,	porque deles é o reino dos céus.

Ao falar dos bem-aventurados, certamente o texto se refere ao próprio grupo mateano.<sup>15</sup> Serve como incentivo às práticas que adotaram,

<sup>12</sup> Cf. STEGEMANN, W.; STEGEMANN, E. *História Social do Protocristianismo*. p. 255.

<sup>13</sup> OVERMAN, J. A. *O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo*. pp. 57-64.

<sup>14</sup> Todos os textos bíblicos citados neste artigo são traduções do próprio autor a partir do texto grego de NESTLE, E.; ALAND, K. *Novum Testamentum Graece*, 27ª ed.

<sup>15</sup> Sobre isso escreveu J. A. Overman em *O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo*, p. 32, dizendo:

“As célebres bem-aventuranças, glorificadas em grande parte da cultura ocidental como atributos e ações desejáveis, são realmente uma epitome das características que devem separar os judeus mateanos de outros grupos e líderes locais. As bem-aventuranças – ou makarismoi, como são chamadas em grego, traçam para o público de Mateus os valores que devem guiar suas decisões e relações cotidianas”.



como elogio e promessa para um grupo que, quando estavam fora de suas assembléias, vivia momentos de tensão. Naquele momento, eles provavelmente já haviam perdido o acesso à sinagoga local, sofriam preconceito pela adoção de Jesus como Messias, e sofriam cada vez mais dificuldades em suas relações profissionais. Essas eram, não todas, mas algumas das principais formas de perseguição que lhes eram impostas; mas tal condição não é pelo texto de 5.10 retratada como desventura, mas como uma exigência da fé cristã mateana. Colocando a opção religiosa que haviam feito em primeiro lugar, eles suportavam a perseguição e acusavam seus perseguidores, como vemos em 5.11-12 e em 10.17-18, onde são acusados os judeus da sinagoga.

Enquanto estudamos o linguajar sectário desse texto, chama a atenção que o autor resumiu a causa de tal perseguição em uma só palavra, a “justiça” (gr. δικαιοσύνη). Este parece ser o termo usado pelo evangelho para expressar a perfeita prática da Lei conforme ensinada por Jesus,<sup>16</sup> sendo se não o único, um dos principais pontos em que os judeus do grupo mateano discordavam dos seus conterrâneos. A justiça é, portanto, um termo que resume o comportamento adequado e esperado dos membros do grupo,<sup>17</sup> conseqüentemente, o “justo” (gr. δικαίος) é aquele que pratica esta Lei. Mais que um adjetivo, o termo “justo” torna-se aqui um substantivo pelo qual são chamados os judeu-cristãos que compõem o grupo de Mateus<sup>18</sup> e, além do mais, o termo também acusa indiretamente os adversários que não podem ser outra coisa se não “injustos”.

No quadro que apresentamos acima, a comparação entre as duas bem-aventuranças nos permite ver que a condição de pobres<sup>19</sup> da primeira

<sup>16</sup> Veja: Mt 3.15; 5.20; 6.1,33; 13.17; 21.32.

<sup>17</sup> Cf. OVERMAN, J. A. *Igreja e Comunidade em Crise*, p. 99.

<sup>18</sup> Cf. OVERMAN, J. A. *Igreja e Comunidade em Crise*, p. 378. Veja também: Mt 5.45; 9.13; 13.17,43,49; 23.28-29; 25.37-40,46; 27.19.

<sup>19</sup> J. D. Crossan nos lembra que no grego clássico existiam duas palavras para se referir aos necessitados: uma é *penes*, que aparece em 1Coríntios 9.9, e a outra é a empregada em Mt 5.3, *ptochos*. A primeira também serve para designar o pobre, mas a pobreza desse *penes* é menor do que a do *ptochos*. Enquanto o primeiro é aquele que precisa trabalhar constantemente para suprir os bens necessários, mas ainda contando com o “pão de cada dia”, o segundo é o indivíduo que nada possui, tornou-se um marginalizado, ou como lhe chama Crossan, um indigente. Noutras palavras, o *penes* é um pobre que ainda consegue com seu labor assegurar o mínimo



bem-aventurança, como a de perseguidos da outra, são estados resultantes da opção religiosa do grupo,<sup>20</sup> e a prática da justiça e a vida pelo espírito<sup>21</sup> são as causas da pobreza e da perseguição. Quer dizer que, ao aderirem ao programa do Reino de Deus, eles acabaram perseguidos, mas essa perseguição não resultou em morte, e sim em pobreza, em limitações sócio-econômicas.

A partir dessa interpretação, podemos dizer que as duas bem-aventuranças compõem um paralelismo sinonímico, onde não temos duas afirmações diferentes, mas apenas uma idéia, dita duas vezes a partir expressões distintas, mas similares.<sup>22</sup> Os pobres ou indigentes de 5.3 e os justos de 5.10 são as mesmas pessoas, os membros do grupo mateano.

## 2 Profetas e justos

Nas frases analisadas acima nós constatamos que o grupo de Mateus, vítima de sanções impostas pela coalizão religiosa majoritária que chamamos de judaísmo formativo, procurava fortalecer a fé e consolar-se através das promessas do Reino de Deus àqueles que de boa vontade aceitavam a pobreza e a perseguição. Todavia, essa interpretação não seria a mesma se lêssemos a mesma bem-aventurança em sua versão original em Q. Ali, provavelmente os “pobres” eram todos os seguidores de Jesus, na maioria camponeses pauperizados que deram força ao movimento itinerante. Assim sendo, o grupo de Mateus dava origem a uma nova classe de judeu-cristãos, os “justos”, e ainda que tenham aproveitado o adjetivo “pobres” para designarem-se, era necessário diferenciar estes sedentários, cada vez mais pobres, dos antigos itinerantes que já haviam

---

para a sobrevivência sua e da sua família, enquanto que o *ptochos* é o pobre que estava à beira ou mesmo abaixo do nível de subsistência, não tendo sequer o mínimo necessário, carecendo assim da ajuda alheia. Cf. CROSSAN, J. D. *O Nascimento do Cristianismo*. pp. 360-362.

<sup>20</sup> GARCIA, P. R. *As Bem-Aventuranças em Mateus*. p. 54.

<sup>21</sup> Seguimos aqui a interpretação de Paulo Roberto Garcia, que sobre a expressão mateana ‘no espírito’ escreveu: “... o termo ‘no espírito’ não espiritualiza a palavra pobre, muito pelo contrario, ele aponta o motivo que levou a comunidade a ser pobre. Em outras palavras, pela opção da vida ‘no espírito’, a comunidade passa a ser pobre”. Cf. GARCIA, P. R. *As Bem-Aventuranças em Mateus*. pp. 50-52.

<sup>22</sup> Veja: WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento*, p. 91.



aceitado a condição de marginalizados sem posses como modo de vida voluntário. Essa distinção ficará mais clara nesta próxima seção, onde estudaremos outros textos de Mateus, a começar por 10,40-42:

(A) O que vos acolhe, acolhe a mim; e o que me acolhe, acolhe o que me enviou.
(B1) O que acolhe um <b>profeta</b> no caráter de <b>profeta</b> , (B2) recompensa de <b>profeta</b> receberá;
(C1) e o que acolhe um <b>justo</b> no caráter de <b>justo</b> , (C2) recompensa de <b>justo</b> receberá.
(D) E o que tiver dado de beber um único cálice de água fria a estes pequenos no caráter de discípulo, verdadeiramente vos digo: jamais terá perdido sua recompensa.

Se lermos Lucas 10.16 encontraremos uma passagem que se assemelha bastante à construção de Mateus 10.40 (A);<sup>23</sup> e em Marcos 9.41 temos a fonte de onde o autor de Mateus retirou o conteúdo de 10.42 (D). Podemos dizer que a versão mateana que acima traduzimos foi composta a partir de outras fontes literárias, mas o que é mais interessante nesta comparação é que são exclusividades mateanas exatamente as linhas centrais dessa perícopa (B1, B2, C1 e C2), onde temos uma construção feita com maior esmero poético e onde encontramos os termos “profetas” e “justos”. Eles são aqui utilizados em duas orações quase idênticas para definir o grupo sedentário e o grupo itinerante, evidenciando o que acima dissemos, que Mateus faz distinção entre os profetas itinerantes e os “justos”, praticantes da Lei, que convivem com as desventuras impostas pela perseguição religiosa regional.

Imaginamos que em sua versão mais antiga em Q, esse texto tinha a função de estimular o apoio ao ministério itinerante, por meio da hospedagem ou da ajuda com comida e bebida. Todavia, em sua versão mateana, tal incentivo é ampliado, mas não totalmente substituído. Agora, além da ajuda aos profetas itinerantes ainda atuantes, também se requer a ajuda aos “justos”, que desde que aderiram ao movimento judaico-cristão têm sofrido cada vez mais limitações. Noutras palavras, em Q, o propósito do texto era conscientizar os leitores/ouvintes a respeito da necessidade de auxiliar os itinerantes; já em Mateus, também os simpatizantes sedentários chamados de “justos” e pobres são carentes

<sup>23</sup> Veja também Jo 13,20.



de tal caridade, motivo pelo qual o texto foi reescrito com acréscimos para também fazê-los alvo da caridade cristã.

Prossigamos nosso estudo a fim de atestar com outras evidências nossa hipótese, a de que Mateus faz distinção entre “profetas” e “justos”. Agora vamos comparar Mateus 13,16-17 com Lucas 10,23-24:

<b>Mateus 13.16-17</b>	<b>Lucas 10.23-24</b>
<sup>(16)</sup> Portanto, bem-aventurados os vossos olhos porque vêem, e os vossos ouvidos porque ouvem.	<sup>(23)</sup> E voltando-se para os discípulos em particular disse: bem-aventurados os olhos que vêem o que vedes.
<sup>(17)</sup> Pois verdadeiramente vos digo que muitos <b>profetas e justos</b> desejaram ver o que vedes e não viram, e ouvir o que ouvís e não ouviram.	<sup>(24)</sup> Pois vos digo que muitos <b>profetas e reis</b> quiseram ver o que vedes e não viram, e ouvir o que ouvís e não ouviram.

Neste ponto de nosso estudo já é possível notar que em geral, a versão mateana é sempre mais cuidadosa em relação às formas, modificando o texto de Lucas/Q. A primeira mudança que constatamos é o acréscimo da “audição” no versículo 16, que não se encontra na versão de Lucas, provavelmente mais próxima da versão original. O acréscimo tem o propósito de contrapor a referência ao sentido que já se encontra no versículo 17. Mas o ponto que mais nos importa é outro, e destaca-se pelos nossos grifos.

A versão lucana usa “profetas e reis” para se referir aos homens do passado, ligando dessa forma o texto evangélico às tradições do Antigo Testamento. Os discípulos de Jesus são descritos como pessoas privilegiadas em relação a personagens ilustres como Elias, Elizeu, Isaías, Davi, Salomão, Josias... Por sua vez, Mateus substitui os “reis” pelo seu peculiar “justos”. Uma vez mais ressalta-se a importância que neste evangelho se dá à obediência à Lei, assim como a distinção que o evangelista faz entre o ministério profético exercido por alguns, e a “justiça” que caracteriza as pessoas comuns que, mesmo não sendo profetas, vivem de acordo com os desígnios divinos. Esse exemplo mostra a coerência do autor, que segue alterando as tradições recebidas em momentos convenientes para adequá-la à linguagem já cotidiana em seu grupo.

Passaremos agora para o último exemplo, onde Mateus mais uma vez acrescenta, em 23,29-30 os “justos” ao lado dos “profetas”. Desta feita,



devemos comparar a versão mateana à versão que encontramos em Lucas 11,47, onde nossos grifos ajudarão o leitor a notar tal acréscimo:

Mateus 23.29-30	Lucas 11.47
(29) Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque edificais os sepulcros dos <b>profetas</b> e adornais os túmulos dos <b>justos</b> ,	(47) Ai de vós, pois edificais os túmulos dos <b>profetas</b> , mas os vossos pais os mataram.
(30) e dizeis: se existíssemos nos dias dos nossos pais, não seríamos sócios deles no sangue dos profetas.	

Como de costume, o texto mateano é mais extenso e bem trabalhado, e chamamos atenção especialmente para os “justos”, que agora também são os homens fiéis à Lei no passado. Mateus simplesmente tira os “reis” do texto e usa sua maneira própria para designar o grupo judeu-cristão distinguindo “justos” e “profetas” ao falar dos heróis preservados pela memória nacional.

Curioso também é que, ao se referir aos “assassinos”, Mateus faz questão de dizer que ele e os seus não são descendentes deles. Esses assassinos são os pais somente dos escribas e fariseus, ou seja, dos líderes da religião nacional. O grupo mateano vê-se então como continuadores de uma tradição marginal, sempre perseguida pelos poderosos, o que explica a exclusão dos “reis” de entre as vítimas.

Ao interpretar o passado dessa forma, Mateus não só acusa os seus rivais como também honra os judeu-cristãos ao relacioná-los com personalidades admiradas da história de Israel. Entretanto, essa honra também possui seu lado negativo, já que, como os antigos, os novos heróis sectários também sofrerão contínua perseguição e talvez até o martírio pela ação violenta dos líderes religiosos.

Além dos personagens do presente e do passado que habilmente são relacionados, o texto também apresenta outros elementos importantes, como os “túmulos e sepulcros” dos profetas antigos que aparentemente tornaram-se locais reverenciados. A hipocrisia dos escribas e fariseus está na atitude de agora reverenciar aqueles que foram assassinados por pessoas como eles.



Ao final de nossas análises podemos dizer que o autor do evangelho de Mateus, consciente de sua posição marginal na sociedade, adota um linguajar próprio de grupos sectários daqueles dias, e não cria uma linguagem própria como poderíamos imaginar enquanto lemos somente os evangelhos sinóticos. J. A. Overman demonstrou que há na literatura não canônica, produzida por grupos sectários diversos,<sup>24</sup> discursos nos quais tais grupos expressavam sua revolta diante das lideranças políticas e religiosas que lhes pareciam sempre desonestas, em termos semelhantes aos que vimos Mateus empregar.<sup>25</sup> A oposição entre os “justos” do grupo e “pecadores” de fora, não existe somente em Mateus, mas também caracteriza os grupos sectários que deram origem a livros como 4Esdras, 2Baruch, 1Henoc etc.<sup>26</sup> O grupo judeu-cristão de Mateus era, portanto, mais um dos diversos pequenos grupos que naqueles dias lutavam por estabelecer seu movimento como normativo para a sociedade palestinese<sup>27</sup>, depois que o Templo de Jerusalém foi transformado em ruínas.

## Conclusão

O objetivo de uma investigação como a que fizemos é aplicar tais conclusões ao estudo do evangelho como um todo e ao interminável trabalho de reconstrução da história do cristianismo primitivo. Se assim fizermos, teremos que negar a opinião daqueles que pensam que o grupo

<sup>24</sup> OVERMAN, J. A. *O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo*. pp. 28-31.

<sup>25</sup> Cf. Id., *ibid.*, p. 31:

“As comunidades sectárias do período sentiam-se perseguidas. Elas não possuíam poder político. Acreditavam que os detentores do poder, o corpo principal, eram corruptos e falsos líderes [...] A linguagem com alta carga emocional usada por essas comunidades revela a frustração e raiva que sentiam por aqueles que estavam no poder [...] Essa linguagem destaca o ambiente competitivo e cáustico e o cenário sectário em que tanto o judaísmo formativo como o judaísmo de Mateus surgiram”.

<sup>26</sup> Veja por exemplo: 1Henoc 94.1; Salmos de Salomão 3.3; 2Baruch 14.12-13; 4Esdras 7.17. Outras passagens são citadas por J. A. Overman na obra citada, pp. 29-30.

<sup>27</sup> É nossa opinião que o evangelho de Mateus seja produto de um grupo judeu-cristão da Galiléia e das últimas décadas do século I. Embora existam outras hipóteses, seguimos esta que também é defendida em obras como: DUARTE, D. *Não Podeis Servir a Deus e às Riquezas*. GARCIA, P. R. *O Sábado do Senhor teu Deus*. OVERMAN, J. A. *O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo*. STEGEMANN, W.; STEGEMANN, E. *História Social do Protocristianismo*.



de Mateus era um grupo citadino abastado,<sup>28</sup> e investigar com cuidado as possíveis limitações que lhes eram impostas pelo grupo judaico majoritário, sanções que levam o evangelista a classificar seu grupo como pobres/indigentes e como perseguidos. Além do mais, a recepção do evangelho de Q e, com ele, da tradição dos profetas itinerantes, é indício de que temos um grupo marginalizado, que compreende as reivindicações do cristianismo anterior a si e que vê na fraternidade interna o único meio de sobrevivência à crise, e no exemplo dos profetas sem pátria um exemplo moral e uma alternativa de vida.

Esse é o quadro que este artigo começa a pintar, o de um grupo numericamente limitado e gradualmente empobrecido, com dificuldades de relacionamento na sociedade, e que faz de seu evangelho uma arma para lutar contra a extinção. Estamos diante de um grupo oprimido, que para existir tinha que inspirar-se em mandamentos como este: “*Buscai primeiro o reino dos céus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas*” (Mt 6,33).<sup>29</sup> Infelizmente, parece que, até o final do século II, não somente o grupo de Mateus, mas também todos os herdeiros das tradições judaico-cristãs de Q na Galiléia, se extinguíram.<sup>30</sup>

## Bibliografia

CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002.

CROSSAN, John Dominic. *O Nascimento do Cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2004.

DUARTE, Denis. *Não Podeis Servir a Deus e às Riquezas: Impactos Econômicos no Evangelho de Mateus no Contexto do Judaísmo do Sé-*

<sup>28</sup> Esse é o caso, por exemplo, de Ekkehard e Wolfgang Stegemann, que descrevem o grupo mateano como membros dos estratos superiores da sociedade, e não entre aqueles que viviam abaixo do nível econômico considerado mínimo para a subsistência como maioria. STEGEMANN, W.; STEGEMANN, E. *História Social do Protocristianismo*. pp. 264-265.

<sup>29</sup> Em Mt 6,33 outra vez temos um acréscimo mateano na expressão “e sua justiça” em relação a Lc 12,31. Sobre isso leia: GARCIA, P. R. *As Bem-Aventuras em Mateus*, pp. 54-55.

<sup>30</sup> OVERMAN, J. A. *Igreja e Comunidade em Crise: o evangelho segundo Mateus*. p. 36.



culo I. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo (Dissertação de Mestrado), 2009.

GARCIA, Paulo Roberto. *As Bem-Aventuranças em Mateus: uma proposta de estrutura literária*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo (Dissertação de Mestrado), 1995.

\_\_\_\_\_. *O Sábado do Senhor teu Deus – O Evangelho de Mateus no Espectro dos Movimentos Judaicos do Século I*. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior – IMS, 2001.

KLOPPENBORG, John S. Q. *El Evangelio Desconocido*. Salamanca: Sígueme, 2005.

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento, volume 2: História e literatura do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulus, 2005.

MACK, Burton L. *O Evangelho Perdido: O Livro de Q e as Origens Cristãs*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

MARCONCINI, Benito. *Os Evangelhos Sinóticos: formação, redação, teologia*. São Paulo: Paulinas, 2001.

MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulus, 1992.

NESTLE, Eberhard; ALAND, Kurt. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 27ª ed. 1993.

OVERMAN, J. Andrew. *Igreja e Comunidade em Crise: o evangelho segundo Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1999.

\_\_\_\_\_. *O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo: o mundo social da comunidade de Mateus*. São Paulo: Loyola, 1997.

ROLOFF, Jürgen. *A Igreja do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal; Centro de Estudos Bíblicos, 2005.

SALDARINI, Anthony J. *A Comunidade Judaico-Cristã de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 2000.

SCHIAVO, Luigi. *A Batalha Escatológica na Fonte dos Ditos de Jesus: a derrota de Satanás na narrativa da tentação (Q 4,1-13)*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo (tese de doutorado), 2003.

STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História Social do Protocristianismo: os primórdios do judaísmo e as comunidades*



*de Cristo no mundo mediterrâneo.* São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.

THEISSEN, Gerd. *O Movimento de Jesus: História Social de uma Revolução de Valores.* São Paulo: Loyola, 2008.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia.* São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.

***Endereço do Autor:***

ITESC  
Rua Dep. Antônio Edu Vieira, 1524  
Pantanal  
88040-001 Florianópolis, SC